

---

**A teorização da memória em *Coração andarilho*,  
de Nélida Piñon, e em *As pequenas memórias*,  
de José Saramago**

*The theorization of memory in Coração Andalho, by Nélida  
Piñon, and in Small memories, by José Saramago*

Ana Cristina Steffen

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

**DOI**

<https://doi.org/10.37508/rcl.2021.n45a371>

**RESUMO**

Este trabalho propõe um estudo das obras *Coração andarilho*, de Nélida Piñon, e *As pequenas memórias*, de José Saramago. Ambos os autores, além da narrativa dos seus primeiros anos de vida, levantam uma série de questionamentos sobre a memória em si mesma: seus esquecimentos, falhas, invenções. Com isso, tanto Saramago quanto Piñon acabam por realizar uma teorização sobre a memória. Assim sendo, o objetivo central desta pesquisa é mostrar de que forma isso se realiza, usando os postulados de Aleida Assmann, principalmente, e de Iván Izquierdo. Além disso, também foram utilizadas algumas definições acerca do que é uma teoria propriamente dita, visando expor de que forma ela se constrói, ainda que de diferentes maneiras, nas obras da escritora brasileira e do escritor português.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita memorialística; Memória; Nélida Piñon; José Saramago.

**ABSTRACT**

This paper proposes a study of the works *Coração andarilho*, by Nélida Piñon and *Small memories: a memoir*, by José Saramago. Both authors, besides the narrative of their first years of life, raise a series of questions about the memory in itself: its forgetfulness, failures, inventions. With this, both Saramago and Piñon end up performing a theorization about the memory. Therefore, the central objective of this research is to show in which form this is achieved, using the postulates by Aleida Assmann, mainly, and by Iván Izquierdo. Beside this, some definitions about what is a theory itself were used, seeking to expose in which form it constructs itself, even that in different ways, in works of the Brazilian writer and of the Portuguese one.

**KEYWORDS:** Memorialistic writing; Memory; Nélida Piñon; José Saramago.

A brasileira Nélida Piñon e o português José Saramago escreveram suas memórias de infância quando já eram escritores reconhecidos. Ela, laureada com o *Prêmio Príncipe de Astúrias* e ele, com o *Nobel* – únicos autores em língua portuguesa a receberem essas distinções até o momento. Saramago publicou *As pequenas memórias*, “as memórias pequenas de quando fui pequeno, simplesmente” (SARAMAGO, 2006, p. 34), em 2006, quando então completava 84 anos; já *Coração andarilho*, de Piñon, data de 2009, quando a autora tinha 72. Ambos os escritores, além da narrativa de seus primeiros anos, levantam uma série de questionamentos sobre a memória em si mesma: seus esquecimentos, falhas, invenções. É possível pensar que isso aconteça, talvez, porque os autores se encontravam temporalmente distantes da infância. Ou talvez por serem escritores e intelectuais versados. Ou talvez, ainda, por esses dois motivos simultaneamente. Independentemente da razão, fato é que tanto Saramago quanto Piñon acabam por realizar uma teorização sobre a memória. A proposta deste trabalho é mostrar de que forma isto se realiza.

Em *As pequenas memórias*, a palavra memória é citada pelo menos 31 vezes e, em *Coração andarilho*, 46. Além disso, ambas as obras acionam um léxico relativo a esse vocábulo: lembrar/lembrança, recordar/recordação, esquecer. Memória, para o pesquisador da medicina Iván Izquierdo, é explicada como “a aquisição, a formação, a conservação e a evocação de informações. A aquisição é também chamada de aprendizagem: só se ‘grava’ aquilo que foi *aprendido*. A evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação. *Só lembramos* aquilo que gravamos, aquilo que foi *aprendido*” (IZQUIERDO, 2002, p. 9, grifos do autor). Já Aleida Assmann, pesquisadora da literatura e antropologia cultural, ao apontar a grande variedade de disciplinas que se ocupam da memória – filosofia, psicologia, história, sociologia, dentre outras –, esclarece que mesmo dentro de um mesmo campo há diferentes caminhos possíveis. Esse é o caso dos estudos literários que, segundo a autora, se bifurcam, com a distinção de memória enquanto *ars*, “arte”, e memória enquanto *vis*, “potência”. O primeiro caso remete à mnemotécnica romana; mnemotécnica quer dizer “arte da memória”, sendo que “arte” deve aqui ser entendida como “técnica”. Logo, esta tinha um caráter instrumental e “objetivava o armazenamento confiável e a recuperação idêntica das informações inseridas na memória” (ASSMANN, 2011, p. 31-32). Em outras palavras, Assmann sintetiza essa proposição, declarando a intenção de “chamar de *armazenamento* o caminho até a memória intitulado como ‘arte’” (ASSMANN, 2011, p. 33, grifo da autora). A dimensão temporal, na mnemotécnica, não participa como um agente estruturador do processo.

Já na memória enquanto *vis* – relativa à recordação –, a dimensão do tempo é um aspecto crítico. Afirmar Assmann: “Se na mnemotécnica era crucial a correspondência exata entre *input* e *output*, na recordação é a diferença entre ambos que vem à tona” (ASSMANN, 2011, p. 33). Assim sendo, conforme Assmann, os processos de armazenamento e de recordação colocam-se como opostos, pois, dif-

erentemente do armazenar – ocorrido através do ato de decorar –, o lembrar não se dá de forma deliberada – ou se recorda ou não. Ainda segundo a autora, “A recordação procede basicamente de forma re-constitutiva: sempre começa do presente e avança inevitavelmente para um deslocamento, uma deformação, uma distorção, uma re-valorização e uma renovação do que foi lembrado até o momento de sua recuperação” (ASSMANN, 2011, p. 33-34). Logo, por haver o “intervalo de latência” (ASSMANN, 2011, p. 34), a recordação está sujeita a um contínuo processo de transformação. Nesse caso, a palavra “potência” indica

que a memória não deve ser compreendida como um recipiente protetor, mas como uma força imanente, como uma energia com leis próprias. Essa energia pode dificultar a recuperação da informação – como no caso do esquecimento – ou bloqueá-la – como no caso da repressão. Porém ela também pode ser controlada pela inteligência, pela vontade ou por uma nova situação de necessidade, e proporcionar uma nova disposição das lembranças. O ato do armazenamento acontece contra o tempo e o esquecimento, cujos efeitos são superados com a ajuda de certas técnicas. O ato da recordação, por sua vez, acontece dentro do tempo, que participa ativamente do processo. No que diz respeito à psicomotricidade da recordação, esquecimento e recordação estão indissociavelmente intrincados. Um é possibilidade do outro. Podemos também dizer: o esquecimento é oponente do armazenamento, mas cúmplice da recordação (ASSMANN, 2011, p. 34).

Neste sentido, as propostas de Piñon e Saramago relacionam-se diretamente à memória enquanto potência: o fator “esquecimento” é reiterado repetidamente ao longo das duas narrativas. Em *As pequenas memórias*, Saramago inclusive vale-se do esquecimento para estabelecer um jogo com o leitor – artifício recorrente em sua produção romanesca, manifestado por vezes em seus narradores não confiáveis –, como pode ser observado no seguinte trecho:

Como acaba de se ver, *não andava equivocado quando escrevi* que havíamos vivido duas vezes na Rua Carrilho Videira, mas já foi o *engano gravíssimo* quando, sem me deter a reflectir em algumas questões básicas da fisiologia sexual e do desenvolvimento hormonal, acrescentei que estava na idade de onze anos quando do episódio com a Domitília. *Nada disso*. Na verdade, eu não teria mais que seis, e ela andaria pelos oito. Se, já espigado como era então, tivesse os tais onze anos, ela estaria com treze, e nesse caso a coisa teria sido mais séria e a punição do delito não poderia limitar-se a duas palmadas no rabo de cada um... *Resolvida agora a dúvida, aliviada a consciência do pesadume do erro, posso prosseguir* (SARAMAGO, 2006, p. 109, grifos meus).

Uma situação que poderia ter facilmente sido ajustada com uma revisão do texto – alterar a idade do autor na passagem a que ele remete – torna-se aqui objeto da narrativa. Ao mesmo tempo, o apontamento do equívoco não deixa de se constituir como um recurso que pode ser compreendido como um meio de assegurar a legitimidade e a correção dos demais fatos narrados na obra. No entanto, o autor em diversas passagens utiliza expressões que colocam em dúvida o seu relato: “se a memória não me engana” (SARAMAGO, 2006, p. 21); “Com esta mulher, de cujo nome não tenho a certeza de me lembrar exactamente (talvez fosse Isaura, talvez Irene, Isaura seria)” (SARAMAGO, 2006, p. 23); “se não me engano” (SARAMAGO, 2006, p. 36). Em *Coração Andarilho*, o fator esquecimento também é considerado pela autora na construção da narrativa e da própria memória: “A memória que hoje tenho é acumulativa, sobretudo dispersa. Tende a trair-me, embora, às vezes, acumule bens, arraste palavras e suspiros para o interior do armário, triture alimentos, amores, a matéria intangível e grosseira” (PIÑON, 2009, p. 10). Dessa forma, a memória relatada pelos autores comporta e confirma o esquecimento como seu cúmplice, conforme o apontado por Assmann.

Outro ponto a observar é a ligação dessas lacunas forjadas pelo esquecimento com a invenção. Em Saramago, isso surge em pelo menos dois momentos; o primeiro, quando relata ter dormido em uma barraca improvisada no meio de um campo, durante o retorno de um encontro amoroso: “Quando despertei, na primeira claridade da manhã, e saí, esfregando os olhos, para a neblina luminosa que mal deixava ver os campos ao redor, senti dentro de mim, se bem recorde, *se não o estou a inventar agora*, que tinha, finalmente, acabado de nascer” (SARAMAGO, 2006, p. 20, grifo meu); o segundo, quando faz referência à ideia que originou um de seus romances:

No *Memorial do Convento* não se fala de S. Bartolomeu, mas é bem possível que a recordação daquele angustioso instante estivesse à espreita na minha cabeça quando, aí pelo ano de 1980 ou 1981, contemplando uma vez mais a pesada mole do palácio e as torres da basílica, disse às pessoas que me acompanhavam: “Um dia gostaria de meter isto dentro de um romance.” *Não juro, digo só que é possível* (SARAMAGO, 2006, p. 71-72, grifo meu).

Os trechos grifados nessas citações apontam que memória e invenção convivem de maneira harmônica na narrativa. Uma não exclui a outra, mas a recebe de maneira a tornar possível, ou mesmo incrementar, o relato memorialístico. Em Piñon, essa questão surge de forma ainda mais evidente, pois a autora, de maneira assídua, indica que presumíveis lacunas possam ser, ou são, preenchidas com a invenção – palavra que é presença frequente na obra, assim como “imaginação”, uma de suas possibilidades de sinônimo. Um exemplo disso, está na passagem “Talvez a criança Nélide, que fui, seja uma mera invenção, uma fábula imprecisa. Como alcançar o passado e atualizá-lo no empenho de trazê-lo à tona?” (PIÑON, 2009, p. 23). Considerando que *Coração andarilho* se ocupa sobretudo do período da infância, essa colocação ganha essencial valor – não seria, assim, toda a sua memória uma invenção? Independentemente da

resposta, fato é que, ao levantarem tais questões, ou usarem certas expressões, Piñon e Saramago constroem e transmitem suas concepções de memória. Além desse tipo de passagem breve já citado, em ambos os autores há trechos de maior corpo dedicados a pensar a memória. O primeiro capítulo da obra de Piñon é exemplar nesse caso, e devido à sua importância, reproduzo-o aqui integralmente:

Meu testemunho é impreciso. Misturo a colheita da memória com a *invenção*, porque é tudo que sei fazer. Os episódios que aqui registro, de teor familiar e cotidiano, emergem da minha modéstia e dos meus desacertos. A seleção que faço da família, dos amigos, dos pensamentos vagos, compõe o meu horizonte pessoal. Sem dúvida, é arbitrária, apresenta alto grau de subjetividade. Evito ser minuciosa para reduzir a margem dos erros e porque também as versões que guardo dos fatos narrados são em si contraditórias. Eu própria, perante minhas imprecisões, e minhas certezas provisórias, surpreendo-me com o que relato. Mais ainda quando ouço o que me contam, alguma ocorrência relativa ao passado e que me teve como protagonista. Ao ver-me à mercê da fantasia alheia, duvido se há legitimidade em qualquer discurso, incluindo o meu. Ignoro se meu interlocutor *inventou* o que narra para melhor dominar minha vida, ou tenta simplesmente provar, até para si mesmo, que formamos todos, em conjunto, uma sociedade interligada, da qual só perdura a memória compartilhada. Confrontada com estes casos, decido eu mesma engendrar lendas e episódios que me são atribuídos. Sempre tendo como desculpa a condição de escritora, a quem é dado o privilégio de *inventar* sem sofrer sanções morais. Assim, enlaço os temas possíveis para melhor me entender, para subsidiar os recursos da memória, que me abastecem com a habilidade de recordar os feitos ocorridos hoje, ontem, há milênios, que julgo meus, da minha esfera tribal. Uma memória que, a serviço da cobiça, enseja que observemos as linhas de um mapa e nos manifestemos sobre a geografia das coisas, dos sentimentos, das ilhas pulverizadas do Índico. E que nos impulsiona a narrar a odisseia pessoal, a saga do cotidiano,

da cozinha, da cama, do amor. E que, por seu eminente caráter narrativo, ocupa o meu pensamento, conjura o meu silêncio, afugenta a monotonia narrativa. Mas que pronto se organiza e resiste a desintegrar-se mediante uma simples linha, épica e avassaladora, como aquela que herdamos de Homero. É o que tento fazer (PIÑON, 2009, p. 7-8, grifos meus).

A autora inicia a obra com o que poderia ser considerado um manifesto a respeito da narração que está a começar. É importante recuperar as expressões utilizadas ao definir o relato: “impreciso”, “desacertos”, “seleção”, “arbitrária”, “margem dos erros”, “contraditórias”, “certezas provisórias”. Tais expressões reiteram o caráter não totalizante e inexato de sua narrativa; essas características podem ser conectadas diretamente a um entendimento da memória proposto pela autora que, juntamente com Saramago, se em muito se relaciona ao fator do “esquecimento” apontado por Assmann, também indica algo de novo que é o componente da invenção; essa, já anunciada na primeira linha do referido capítulo, é mencionada em mais dois momentos desse, considerada como presença em três diferentes situações, conforme os trechos grifados: 1) ao admitir a combinação entre memória e invenção em seu testemunho; 2) ao apontar que a invenção também é uma possibilidade na narração memorialística de outras pessoas; 3) ao ligar o que chama de “privilégio de inventar” à sua condição de escritora. A partir da segunda dessas constatações, mais especificamente, é possível compreender que para Piñon a presença da invenção é algo que supera a escrita memorialística, constituindo, assim, um dos componentes da memória de maneira geral.

Em *Coração andarilho*, esse tipo de generalização, mas não só, é o que torna plausível reconhecer a presença de uma possível teorização acerca da memória. O *Pequeno dicionário Houaiss de lexicografia* define “teoria” da seguinte forma: “1 conjunto de regras sistema-

tizadas que fundamentam uma ciência ou uma área específica <*t. política*> 2 conhecimento especulativo sobre determinado assunto; conjectura <*explicou sua t. sobre o desaparecimento do avião*>” (INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS DE LEXICOGRAFIA, 2015, p. 911, grifos do autor). Marconi e Lakatos, em *Fundamentos de metodologia científica*, explicam que uma teoria é constituída a partir de relações entre fatos ordenados significativamente, que redundarão em um conjunto de princípios fundamentais que formam um instrumento científico apto a explicar esses mesmos fatos. A finalidade da teoria, para as autoras, é “resumir sinteticamente o que já se sabe sobre o objeto de estudo, através das generalizações empíricas e das inter-relações entre afirmações comprovadas” (MARCONI; LAKATOS, 2009, p. 118). Kaplan (1975), em uma descrição citada e corroborada por Marconi e Lakatos, afirma que a teoria é “um meio para interpretar, criticar e unificar leis estabelecidas, modificando-as para se adequarem a dados não previstos quando de sua formulação e para orientar a tarefa de descobrir generalizações mais amplas” (KAPLAN, 1975, p. 302). Em Piñon, para além das generalizações e da invenção como integrante da memória, há outros aspectos em seu capítulo inicial que apontam para a possibilidade de uma teoria em conformidade com suas definições aqui expostas. A autora cita pelo menos duas questões cruciais que norteiam o relato memorialístico por ela realizado: a conservação do que chama de “memória compartilhada” e a resistência da memória por meio da palavra escrita. O primeiro caso pode ser observado no seguinte exemplo:

E, enquanto eles davam início a uma narrativa sem tempo certo para encerrar-se, fui aprendendo que só saberia narrá-las no futuro, e com relativa fidelidade, se me convertesse na escritora que, a pretexto de falar de mim, estivesse, de verdade, falando da *coletividade, que é a única narrativa que merece subsistir* (PIÑON, 2009, p. 99, grifo meu).

O segundo, pode ser observado no trecho “*E alivia-me saber que a memória está no papel e não em nós. É o texto que guarda o precioso silo que nos coabita. E esta memória, de que ora lhes falo, requer um arcabouço inventivo que sirva de material evocativo. Só assim dá início à primeira frase de uma antologia de sentenças*” (PIÑON, 2009, p. 115, grifo meu). Esses dois pontos serão desenvolvidos em maior ou menor medida por Piñon ao longo da narrativa e, juntamente com os demais aspectos já destacados do capítulo inicial do livro, formam o que aqui se considera como uma proposição de teoria da memória. Isto porque, ao relacionarmos o texto de Piñon com as definições de teoria anteriormente citadas, é possível identificar: um conjunto de regras que norteiam a concepção que a autora tem de memória – que se manifestam no relato memorialístico; generalizações que são aplicáveis a outros dados e contextos – a imprecisão e a seleção da memória, por exemplo; princípios que têm por objetivo explicar fatos relacionados – neste caso, os fatos são as situações relatadas, e o conteúdo do capítulo inicial serve como instrumento para esclarecer suas particularidades no que diz respeito à memória – em outras palavras, ocorre a comprovação do proposto no capítulo inicial através dos próprios fatos narrados e de como são narrados.

Esses aspectos, relacionados ao conceito de teoria, também se encontram em Saramago, ainda que de maneira diferente e em menor proporção – mesmo o autor dedicando alguns trechos significativos para reflexão sobre a memória, como já foi mencionado, isto se dá de forma mais enxuta do que em Piñon. No entanto, essa sucintez pode ser ligada à diferença de tamanho entre as obras: enquanto *Coração andarilho* tem 347 páginas, *As pequenas memórias* tem apenas 138. Ainda assim, no livro português também é possível identificar uma teorização, como no trecho que segue:

Em rigor, em rigor, penso que as chamadas falsas memórias não existem, que a diferença entre elas e as que consideramos certas e seguras se limita a uma simples questão de confiança, a confiança

que em cada situação tivermos sobre essa incorrigível vaguidade a que chamamos certeza. É falsa a única memória que guardo do Francisco? Talvez o seja, mas a verdade é que já levo oitenta e três anos tendo-a por autêntica... (SARAMAGO, 2006, p. 110).

Dá seguimento a essa passagem a narração da memória que Saramago teria do seu irmão Francisco – este subindo em uma cômoda – e, ao concluí-la, o autor afirma: “Esta é, pois, a minha memória mais antiga. E talvez seja falsa...” (SARAMAGO, 2006, p. 111). O parágrafo em sequência inicia com a afirmação “Falsa, porém, não é a que vem agora” (SARAMAGO, 2006, p. 112), que é seguida do relato de uma outra situação de sua infância. A partir disso, é possível entender que Saramago categoriza duas formas de memória: aquelas das quais temos certeza e aquelas que poderiam ser falsas, mas de cuja falsidade não podemos ter certeza – o que fica visível ao confrontar sua afirmativa de que falsas memórias não existem com a de que, talvez, sua memória mais antiga não seja verdade. Porém, mesmo em relação ao primeiro tipo, não há juízo definitivo, pois ele mesmo afirma ser a certeza uma “incorrigível vaguidade”. Se somarmos a isto as já citadas reincidentes expressões que apontam dúvidas do autor quanto ao próprio relato, fica visível o entendimento de Saramago a respeito da memória: um terreno de incertezas do qual participa a invenção, do qual a invenção não pode ser dissociada. Nessa última passagem referida do livro, a invenção se manifesta através do que o autor compreende como a sua primeira memória – ele não tem certeza sobre ela, mas simultaneamente a questiona e aceita, pois, caso seja invenção, ela ainda assim participa de sua memória há 83 anos. Neste sentido, tanto Piñon quanto Saramago concordam com e validam a afirmação categórica de Assmann: “As recordações estão entre as coisas menos confiáveis que um ser humano possui” (ASSMANN, 2011, p. 71) – não sendo isto necessariamente um problema, mas uma característica intrínseca.

Outro ponto a observar é que tanto em Saramago quanto em Piñon há o propósito de manutenção de uma memória familiar – ou de uma “memória comunicativa”, aquela “que normalmente liga três gerações consecutivas e se baseia nas lembranças legadas oralmente” (ASSMANN, 2011, p. 17); assim sendo, é significativa a relação estreita de ambos os escritores com seus avós, constituinte da ligação entre três gerações, mencionada por Assmann. Os dois autores não só evocam tal memória, como refletem sobre ela; Piñon, em certo trecho, afirma:

A felicidade dissolve-se nas lembranças e é forçoso inventá-la. Pergunto-me que pedaço de vida, sorvido no colo familiar, merece hoje reconstrução verbal? Acaso as narrativas da mãe, à hora do almoço, *fazendo-me crer que eram minhas* e que, ao ouvi-las, elas podiam me salvar? Acaso pretendia a mãe, com seus relatos, prover-me com indícios da existência, para eu confessar no futuro, diante do tribunal da vida, o que fiz e deixei de fazer? Fosse responsável pelas lacunas que, conquanto me condenem, absolvem-me também? (PIÑON, 2009, p. 19, grifo meu).

Saramago, por sua vez, coloca a questão de maneira mais explícita, por meio de um questionamento:

Às vezes pergunto-me se certas recordações são realmente minhas, se não serão mais do que lembranças alheias de episódios de que eu tivesse sido actor inconsciente e dos quais só mais tarde vim a ter conhecimento por me terem sido narrados por pessoas que neles houvessem estado presentes, se é que não fariam, também elas, por terem ouvido contar a outras pessoas (SARAMAGO, 2006, p. 58).

Nessas passagens, os dois autores admitem a incorporação pela via da oralidade de memórias de gerações anteriores, ampliando, assim, a sua própria memória com uma narrativa que, ainda que lhes diga

respeito, não lhes pertencia inicialmente. Em outras palavras, Piñon e Saramago pensam a memória comunicativa como um legado passado entre diferentes gerações e como formadora do enredo de seus próprios relatos, o que também se evidencia em outro trecho de *Coração andarilho*: “O sangue é um fardo e rivaliza-se com a memória, também narra. E, conquanto quase todos os parentes estejam mortos, cada qual me transferiu ao longo da minha evolução, pedaços significativos de seus enredos” (PIÑON, 2009, p. 164). Essa constatação, passível de generalização e aplicação a outros contextos, é outro fator que expõe a presença de uma proposta que pode ser lida enquanto teórica. Um outro elemento, presente também nos dois livros, é o entendimento da atuação da memória como formadora da identidade do indivíduo. Segundo Izquierdo,

Podemos afirmar que *somos aquilo que recordamos*, literalmente. Não podemos fazer aquilo que não sabemos como fazer, nem comunicar nada que desconheçamos, isto é, nada que não esteja em nossa memória. Não podemos usar como base para projetar nossos futuros possíveis aquilo que esquecemos ou que nunca aprendemos. Também não estão à nossa disposição os conhecimentos inacessíveis, nem formam parte de nós os episódios dos quais nos esquecemos ou pelos quais nunca passamos. O acervo de nossas memórias faz com que cada um de nós seja o que é, com que sejamos, cada um, um indivíduo, um ser para o qual não existe outro idêntico (IZQUIERDO, 2002, p. 9, grifos do autor).

Pinõn afirma: “Mas são a memória e a invenção que dizem quem sou. Impedem que me esqueça dos benefícios inerentes à dupla cultura que arrasto comigo, brasileira e galega” (PIÑON, 2009, p. 112). Logo, em sua obra, Piñon se vale da narrativa memorialística para elaborar uma identidade pessoal na qual estão presentes essas duas nacionalidades, mas também em que se manifesta a futura escritora: a menina ávida por manifestações culturais – a literatura principalmente –, que inclusive pede à mãe, em consulta a uma

cartomante, que questione sobre seu futuro como escritora. Em Saramago, no relato de suas pescarias frustradas, ele relata: “sem que me desse conta, ia ‘pescando’ coisas que no futuro não viriam a ser menos importantes para mim, imagens, cheiros, rumores, aragens, sensações” (SARAMAGO, 2006, p. 76). Em outro trecho, ele faz a descrição de um rapaz cego:

Glabro de cara, com pouco cabelo na cabeça, e esse mesmo cortado à escovinha, tinha os olhos quase brancos e o ar de quem se masturbava todos os dias (é agora que o estou a pensar, não nessa altura), mas o que nele mais me desagradava era o cheiro que desprendia, um odor a ranço, a comida fria e triste, a roupa mal lavada, sensações que na minha memória iriam ficar para sempre associadas à cegueira e que provavelmente se reproduziram no *Ensaio [sobre a cegueira]* (SARAMAGO, 2006, p. 104).

O autor, assim, busca nas memórias do passado a ligação, as referências, para o escritor que se tornou e para as obras que escreveu. Sua identidade enquanto literato é explicada e formada pelo acervo de recordações que possui. Sobre isso, afirma Assmann: “definimo-nos a partir do que lembramos e esquecemos juntos. Reformulação da identidade sempre significa também reorganização da memória, o que também vale, como bem sabemos, para a comunidade e não menos para indivíduos” (ASSMANN, 2011, p. 70). Conforme expõe a autora, o esquecimento é um fator que não deixa de ser considerado, mesmo quando se pensa a memória enquanto formadora de uma identidade, pois há um valor expressivo também naquilo que se esquece, especialmente quando esses esquecimentos não são involuntários. Izquierdo (2002) afirma que também somos aquilo que esquecemos, e isto se dá por meio de um processo ativo em que o cérebro conhece quais memórias não queremos lembrar e empreende um esforço, muitas vezes inconsciente, de não as lembrar. Para o autor, não há, assim, o esquecimento propriamente dito, mas a colocação

em difícil acesso daquilo que não precisa ou não deve ser lembrado, a fim de evitar sofrimento. Ao pensarmos nesses esquecimentos no âmbito de uma narrativa memorialística, seja oral ou escrita, é inevitável considerar a existência daquelas memórias intencionalmente não expressas. Essas ausências também acontecem por meio de um processo ativo empreendido pelo narrador e têm finalidade semelhante: não fazer sofrer ou constranger alguém, seja essa pessoa um terceiro ou mesmo aquele próprio que narra. Esse tipo de esquecimento, no entanto, é apenas insipidamente mencionado pelos dois autores: Piñon, quando faz referência ao falecimento do pai, afirma “Por longo tempo descuidei-me de sua memória. Como se me conviesse esquecê-lo, de tanto que me doera a sua morte” (PIÑON, 2009, p. 130); Saramago, de maneira enviesada, ao contrastar as memórias das quais não conseguimos recordar com aquelas que nos surgem sem que as desejemos, declara:

Estas duas imagens – a de um Dollfuss que sorria vendo passar as tropas, quem sabe se já condenado à morte por Hitler, a da mão de ferro de Salazar escondida por baixo da macieira de um veludo hipócrita – nunca me deixaram ao longo da vida. Não me perguntem porquê. Muitas vezes esquecemos o que gostaríamos de poder recordar, outras vezes, recorrentes, obsessivas, reagindo ao mínimo estímulo, vêm-nos do passado imagens, palavras soltas, fulgurância, iluminações, e não há explicação para elas, não as convocámos, mas elas aí estão (SARAMAGO, 2006, p. 130).

Devido à impossibilidade de dissociar lembrar e esquecer, essas lacunas, ainda que intencionais, são características do relato memorialístico. Assim sendo, ao praticamente ignorar a sua existência em suas reflexões sobre a memória, Saramago e Piñon empreendem uma tentativa de ignorar a possibilidade desse tipo de seleção em seus textos. Essa constatação, no entanto, apenas reitera uma das características desse tipo de narrativa e em nada depõe contra as obras aqui estudadas. Se há uma deficiência, esta é apenas no sentido da

teoria que aqui se defende estar presente nos dois livros. Em outras palavras, seria um aspecto o qual a teorização proposta pelos autores pouco ou nada abrange.

Assim, tanto a escritora brasileira quanto o escritor português dão um passo adiante na narrativa de memórias, pois, além de tudo, expõem uma teoria sobre ela. Com isso, fica registrada a maestria desses autores, consagrados principalmente por sua produção romanesca, também na escrita memorialística. Ainda que elaborados de forma bastante diferente, os dois textos compartilham uma concepção de memória muito semelhante. Tal concepção comporta o esquecimento, o engano, a formação de uma identidade, a invenção e, por que não, a própria ficção – que consagrou os dois autores. As definições de Izquierdo e Assmann, especialmente as desta última, contribuem para uma exposição dos conceitos de memória, bem como das suas características, presentes em Piñon e Saramago. E, quando esses autores refletem sobre a memória, aproximam-se dos pressupostos de estudiosos implicados em uma teorização propriamente dita sobre o assunto. Não se sabe, e tampouco se procura saber, se houve por parte dos autores a intenção consciente de uma proposta teórica. Mas, independentemente disso, ela se manifesta de maneira ostensiva nos dois livros. As narrativas poéticas e sensíveis de Piñon e Saramago oferecem ao leitor uma reflexão que, ao fim e ao cabo, o leva a pensar, ou repensar, as próprias recordações.

**RECEBIDO:** 20/01/2020    **APROVADO:** 04/06/2021

#### **REFERÊNCIAS**

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução Paulo Soethe. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS DE LEXICOGRAFIA. *Pequeno dicionário Houaiss de lexicografia*. São Paulo: Moderna, 2015.

IZQUIERDO, Iván. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

KAPLAN, Abraham. *A conduta na pesquisa: metodologia para as ciências do comportamento*. Tradução Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: E.P.U.; EDUSP, 1975.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

PIÑON, Nélida. *Coração andarilho*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SARAMAGO, José. *As pequenas memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

### **MINICURRÍCULO**

Ana Cristina Steffen é licenciada em Letras - Língua Portuguesa e respectivas Literaturas (2017) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre em Teoria da Literatura (2019) pela mesma universidade, bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Atualmente, doutoranda em Teoria da Literatura também pela PUCRS, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).